Brasil

O desafio de alimentar o mundo

Eduardo Daher*

NOS ÚLTIMOS dez anos, o agronegócio foi responsável por 27% do PIB nacional, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea). O avanço que a agricultura brasileira experimentou nos últimos anos está prestes a entrar em uma nova fase, na qual não faltarão desafios, como indicam os números da economia global e seus impactos na conjuntura brasileira. O fator-chave para superar as condições que se apresentam desfavoráveis está na nova Revolução Verde, tema no qual o Brasil tem força competitiva reconhecida mundialmente.

Durante a primeira Revolução Verde, ao longo da década de 70, liderada por Norman Borlaug, o Brasil ainda era dependente do mercado internacional, inclusive importador de alimentos. Passados quarenta anos, atualmente, só não exportamos mais comida do que os Estados Unidos. A revolução silenciosa do campo aconteceu pela necessidade de o País se tornar independente e deu certo porque, além de incluir a ocupação e abertura do Cerrado, teve forte embasamento em tecnologia. O País passou a adotar fertilizantes, sementes certificadas, modernos defensivos agrícolas, máquinas e equipamentos, que garantiram maior produtividade.

A agropecuária, sem dúvida, incorporou ganhos nos indicadores do desenvolvimento sustentado. Entre eles, vale destacar: a) a alavancagem das exportações e do saldo na balança comercial; b) a robustez agregada ao PIB, que avançou da décima posição, em 2003, para a sétima maior economia mundial, em 2010; c) no campo social, vem se constituindo um polo de atração de trabalhadores para as cidades rurais, onde se instalam agroindústrias de alimentos; d) segundo a Embrapa, entre 1970 e 2010, o preço real dos alimentos caiu pela metade – as colheitas mais fartas ocorrem graças à revolução tecnológica no campo; e) o dinamismo dos elos "antes da porteira" – pesquisa e extensão do conhecimento ao campo –, "dentro da porteira" – a adoção, cada vez mais, de tecnologias pelo agricultor diante dos ganhos de produtividade – e "fora da porteira" – agroindústrias que encostam suas fábricas ao lado das fazendas e, assim, mitigam o peso do custo logístico – provoca desdobramentos geradores de melhorias socioeconômicas regionais.

Portanto, o conjunto das novas tecnologias, uma ampla melhoria dos sistemas de logística que reduzam drasticamente o Custo Brasil e o reestabelecimento da confiança ao produtor rural são premissas para garantir o crescimento de 40% que o agronegócio brasileiro necessita até 2050 para se tornar o principal fornecedor de alimentos. Esta meta, apontada pela Organização Mundial para Agricultura e Alimentação (FAO), é capaz de atender 9 bilhões de pessoas habitando o mundo em meados do século XXI. Essa foi a reflexão que originou o Fórum Inovação, Agricultura e Alimentos (http://www.forumagriculturaealimentos.org.br).

Todos os anos, entre os dias 10 e 17 de Outubro, a FAO promove a Semana Mundial da Alimentação, celebrada em 150 países. Para marcar a data no Brasil, a entidade lançou, em 2009, conjuntamente à ABAG (Associação Brasileira do Agronegócio) e à Andef (Associação Nacional de Defesa Vegetal), o I Fórum Inovação, Agricultura e Alimentos para o Futuro Sustentável. Agora, em 2013, a iniciativa ganha destaque especial quando completa sua 5ª edição, a realizar-se em 10 de outubro próximo, na capital de São Paulo.

No encontro, diversas entidades apresentarão propostas, numa ampla agenda que contribua para o desenvolvimento sustentável do Brasil, de modo a atender o apelo lançado pela FAO de erradicar a fome e a miséria. Surge, assim, o compromisso com a FAO, definido como DESAFIO 2050. Sua missão de buscar alimentar um mundo de 9 bilhões de pessoas em 2050 é um desafio que só podemos enfrentar trabalhando juntos: dispondo o melhor da nossa Ciência; garantindo o desenvolvimento sustentável e em parcerias; e reunindo forças inovadoras e dinâmicas com diferentes setores da sociedade. ■

*Diretor da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)